**RESUMO EXPANDIDO EPCA 2024**

**O ACRE ENTRE NARRATIVAS AMAZÔNICAS: REFLEXÕES SOBRE AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS DA CIDADE DE RIO BRANCO (1970)**

**(Emilly Nayra Soares ALBUQUERQUE– Universidade Federal do Amazonas)[[1]](#footnote-1)**

**(Daniele Silva da Cunha ALMEIDA – Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Acre)[[2]](#footnote-2)**

**RESUMO**

Este estudo tem o objetivo de compreender a cidade de Rio Branco a partir das narrativas de jornais dos anos de 1970 evidenciando as representações e discursos que se consolidaram como parte da formação histórica da capital acreana e do Acre, enquanto ente federativo brasileiro incorporado ao território amazônico do país. Matérias publicadas pelo jornal *O Rio Branco* que tematizaram questões relacionadas aos fluxos migratórios de pessoas entre cidade/floresta, moradias e formações de bairros foram as principais fontes de pesquisa. Nessas fontes buscamos os enunciados que reverberavam sobre a Amazônia na conjuntura política, econômica e sociocultural, período em que a região vivenciava ascensões de projetos políticos sob o regime ditatorial, com incentivos às atividades comerciais em substituição à desativação da estrutura extrativista de exploração do látex. Entre os resultados alcançados, evidenciou-se os processos migratórios, identitários e os eixos estruturantes para a constituição da cidade de Rio Branco, através da identificação dos discursos que instituíram uma lógica modernizadora para o Acre, enquanto parte dessa Amazônia. Para além das determinações, os sujeitos reexistiram e se reinventaram entre os espaços de formação dessa cidade acreana.

**Palavras-chave:** Amazônia. Narrativas. Representações. Acre.

1. **INTRODUÇÃO**

Refletir sobre a constituição do Acre como um território, parte da extensão territorial do Brasil, possibilita imergir pelas questões que estão imbricadas na construção discursiva da Amazônia em detrimento dos atravessamentos que nortearam a formação de narrativas e representações para um território diverso e múltiplo, mas que secularmente esteve determinado pela homogeneidade projetada pelo viés da colonização. Ao partir dessa interpretação, a Amazônia e o Acre são compreendidos como produções discursivas que se confluíram a partir dos enunciados, conforme atribuiu Foucault (2018), tornando possível os jogos simbólicos atribuídos à região, perpetuando-os como verdades históricas acerca desse lugar.

Nessa busca por entrever as diferentes Amazônias, historicamente atravessadas por ordenamentos e jogos de poder, prevalecendo a lógica comercial da produção, da dominação em face dos silenciamentos dos povos originários e da opressão dos diferentes grupos humanos que estabeleceram rotas migratórias para a região, investigou-se a formação da cidade de Rio Branco, no Acre, a partir das movimentações de sujeitos entre as determinações e empreendimentos que instituíram um conjunto de sentidos para as vivências nesses espaços amazônicos.

Para abordagem do Acre como parte dessa Amazônia, interpretando-o como um desdobramento dos interesses políticos e econômicos de diferentes grupos que exerceram a hegemonia sobre a atividade comercial do látex, iniciada ao final do século XIX, utilizamos como base bibliográfica os estudos realizados por Albuquerque (2016) para compreender a consolidação da narrativa histórica do Acre a partir da perspectiva da origem de um lugar “descoberto” pela projeção utilitarista da borracha. Enquanto na obra *Seringalidade*: *o estado da colonialidade na Amazônia e os condenados da floresta*, Souza (2017) auxilia na compreensão da estruturação do extrativismo como uma condição de existência dos sujeitos que viviam na região sob uma estrutura de aprisionamento, uma “colonialidade amazônida”, estabelecida por uma nova estrutura social, através da perspectiva da origem de um lugar.

Além dos autores citados, outros pesquisadores dessas Amazônias, inseridos em diferentes núcleos de estudos e de pesquisas da Amazônia brasileira, foram utilizados para compreender e enveredar por linhas interpretativas que aprofundaram os estudos sobre as narrativas acreanas a partir das articulações de sujeitos que se reinventavam nesses espaços constituídos pelas camadas do poder. Entre eles, destacamos Miguel Nenevê e Sônia Gomes Sampaio (2015) em *Re-imaginar a Amazônia,* *descolonizar a escrita sobre a região*, Airton Chaves da Rocha em *A reinvenção e representação do seringueiro na cidade de Rio Branco: Acre (1973-1996).*

 Em torno da construção discursiva, da busca pelos enunciados, pelos eixos estruturantes das narrativas em torno do Acre, como parte da Amazônia brasileira, destaca-se a perspectiva de Michel Foucault, especificamente nas obras *Microfísica do Poder* (2018) e *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas (1999).* Além desses conceitos citados, utilizou-se as perspectivas teóricas de Paul Ricoeur (1994) em *Tempo e Narrativa* e Roger Chartier em *A História Cultural Entre práticas e Representações* (1990), utilizando as categorias teóricas de tempo e representações.

Entre as fontes de pesquisas utilizadas, destacamos alguns recortes de jornais do periódico *O Rio Branco*, especificamente as matérias de jornais selecionadas para a interpretação da dimensão das narrativas e dos discursos sobre a região nos anos 70, sobretudo, sobre a formação dos bairros da cidade de Rio Branco como resultado do fluxo de sujeitos que viveram sob a organização econômica voltada para a borracha, entre a estruturação dos seringais nas florestas. Contudo, a partir do declínio dessa atividade de exploração, parte desses sujeitos se reinventaram no espaço da cidade na Amazônia acreana.

Entre as definições metodológicas, quanto à tipologia das fontes de pesquisa, utilizamos a obra *História da Imprensa no Brasil* (2008) e *Histórias impressas – imprensa e periodismo na região norte (1930-1988).* O primeiro estudo contribuiu para o entendimento da importância da imprensa para as interseccionalidades da sociedade brasileira, sobre a dimensão dos meios de comunicações como espaços que reverberam as condições históricas, políticas e socioculturais, agenciando as estruturas de poder que ecoam as manifestações humanas no tempo, espaço e nas condições de sua produção. A segunda obra condiciona a reflexão sobre as especificidades da produção de jornais impressos na região norte, durante um recorte histórico de mudanças na estrutura política do país que manifestaram perspectivas especificas à regionalidade do que se produzia no norte do Brasil, estabelecendo uma relação particular entre as questões de ordem nacional e regional.

**2. ANÁLISE E COMENTÁRIO DO CONTEÚDO**

 Na conjuntura política e econômica da Amazônia brasileira, após as duas maiores etapas de extração do látex, a partir dos anos de 1940, inicia-se o chamado declínio da borracha. Como consequência desse contexto que culminou na falência dos seringais, novos empreendimentos foram propagados para a região, que nos anos anteriores havia adquirido importância enquanto um vasto território que detinha um significativo potencial para a produção da borracha. Portanto, a atividade de exploração e produção do látex predominou em maior escala até os anos 40.

 O atual território do Acre, inserido neste contexto amazônico, região de fronteira, delimitado entre países, adquiriu protagonismo por endossar a “questão do Acre”, entre Brasil e Bolívia, pela viabilidade de produção do látex, apesar de reverberar através das pretensões econômicas, em torno de aspirações nacionalistas e patrióticas que mascararam a perspectiva utilitarista do processo de incorporação do Acre ao Brasil, com o acordo diplomático final, o Tratado de Petrópolis em 1903. Albuquerque (2016) discute que a aspiração pela busca da origem do Acre, através da perspectiva da “conquista” e da “descoberta”, constituíram processos “a-históricos” resultantes da construção discursiva que cristalizaram uma condição histórica desse lugar concebido como Acre.

**Imagem 01 –** Aproveite as ofertas da Amazônia para temporada de incentivos investimentos para a Amazônia



**Fonte**: O Rio Branco, 1977, p. 07.

Com propostas de investimentos, facilidades de crédito e demais subsídios facilitadores para o financiamento das atividades econômicas, a matéria de jornal, intitulada *Aproveite as ofertas da Amazônia para temporada de incentivos*, apresenta uma variedade de instalações que aparecem em meio a uma pequena quantidade de árvores, que interpretamos como uma “dominação” da floresta, após o contexto de desativação dos seringais. Nessa conjuntura dos anos 70, as representações da Amazônia, retratadas nessa imagem, inserem a área de floresta em um “segundo plano”, ou seja, os elementos em destaque evidenciam as possibilidades de atividades que podem ser instaladas em substituição ao “verde” das florestas.

Muitas pessoas jurídicas estão tirando todo o proveito que podem das vantagens que a região amazônica oferece. E não é só porque a Amazônia está na moda. É porque essa moda dá lucro [...]. Negócios que vão desde enormes projetos agropecuários com milhões de cabeças de gado, até o sofisticado parque industrial de onde estão saindo excelentes produtos para o Brasil e para o mundo... [...] agora, que você sabe isso tudo sobre a Amazônia, tire proveito das vantagens que ela oferece para a temporada de incentivos. Que outras ofertas dão mais segurança? (O Rio Branco, 1977, p. 07).

Os elementos retratados na imagem têm como foco a simbolização de uma “onda” de industrialização para o território amazônico. A pecuária aparece como uma possibilidade de atividade pelas condições favoráveis da terra, do solo e do lugar estar “disponível” para receber tal empreendimento. Seja com a pecuária representada por cercados que indicavam os pastos para a criação do gado, a retratação de recursos tecnológicos buscavam sinalizar uma “temporada” de tecnologias à região, que além de ser facilitada por incentivos do governo federal, são narradas como uma condição pela qual a região deverá ser submetida para alcançar uma suposta modernização.

Enquanto a Amazônia era propagada como uma “onda de investimentos”, enquanto um espaço disponível para receber investimentos e negócios rentáveis aos investidores, os jornais também retratavam sobre as condições socioeconômicas dos sujeitos que viviam as consequências da desarticulação dos seringais, das expropriações de terras e das mudanças empreendidas para a cidade de Rio Branco naquele período.

Selecionamos uma matéria de um periódico de grande circulação que leva em seu título principal a expressão *O ex-seringueiro marginalizado*, expondo a objeção do deputado Alberto Zaire, líder do MDB na Assembleia, sobre trabalhadores que após a desativação dos seringais e o incentivo para o desenvolvimento de outras atividades econômicas na região foram deslocados e reportados para espaços insalubres. “O fechamento dos seringais cria a marginalização do homem, passando a viver como pária na periferia das cidades, principalmente em Rio Branco, cita como exemplos os bairros Bahia, Cidade Nova e Palheral” (O Rio Branco, 1978, p. 03).

Com a constituição de muitos seringueiros em posseiros, ocorreram alterações significativas nas relações sociais na floresta e no modo de vida de muitas famílias que moravam na zona rural do Acre. Isso significa dizer que muitas das famílias que migraram nesse período, ou no posterior, para a cidade de Rio Branco, não devem ser compreendidas como seringueiros no sentido clássico do termo (ROCHA, 2006, p. 44).

A partir do ordenamento do espaço da cidade, pautado em determinações, almejando alcançar os atributos da “esperada” modernidade propagada entre as instituições da época e por parte do governo, os sujeitos eram vistos como indesejáveis e perturbadores dessa “ordem” urbana. Assim como apresentava o periódico, o agente público os encarava como excluídos daquela estrutura da cidade, no entanto, essa estruturação era perpassada como algo natural, como se não fosse resultante da ação humana, que na medida em que se determinava o que deveria ser considerado “desenvolvido” ou em processo de “modernização”, também se classificava o que estava fora dessa perspectiva.

Podemos compreender que o agente público enfatizava a chegada de homens oriundos da floresta, e como consequência dessa migração havia a formação de novos bairros considerados periféricos, vinculados à desordem causada nos espaços dessa cidade. Com uma entonação de denúncia, o deputado faz menção aos sujeitos que se encontravam em situação de vulnerabilidade econômica, na medida em que também se opunha a eles, estigmatizando a presença desses sujeitos à desordem e narrando uma insegurança e perturbação dos que viviam na cidade e se sentiam contemplados pelo discurso do que seria o moderno, representando as principais regiões em que se encontravam essas pessoas como espaços que designavam uma “desorganização”, gerada por homens desprovidos dos “padrões” da modernidade.

Na conjuntura da década de 70, matérias em torno dos bairros classificados enquanto periféricos apareciam com frequência nas páginas dos jornais:

O bairro experimental continua assustando as pessoas honestas, pelo índice crescente de agressões, assaltos, homicídios. Bairro proletário, em meio às famílias descentes, infiltram-se elementos de péssimos antecedentes, desordeiros, ladrões, a levarem o pânico (O Rio Branco, 1977, p. 10).

O Estação Experimental é um exemplo de bairro que abrigava sujeitos oriundos das florestas com suas respectivas famílias, configurado como um bairro às margens do que se estruturava como central da cidade de Rio Branco. Antecedendo as manifestações sobre os crimes cometidos e das argumentações dos efeitos negativos dos que buscavam a “ordenação” do espaço, segundo uma ordem legitimada, as produções textuais do jornal da época classificam primeiramente o bairro, em seguida, as demais exposições são atribuídas ao condicionamento do ambiente enquanto periferia.

Por conseguinte, as fixações das moradias desses sujeitos que resultaram em bairros são representadas como espaços problemáticos e ilegítimos, oriundos dos atos daqueles classificados como “invasores”. Nessa perspectiva, os sujeitos em trânsitos nesses espaços entre floresta/cidade aparecem como deslocados da “realidade” da cidade na conjuntura dos anos 70. Esses grupos humanos viviam “às margens” da modernidade da cidade de Rio Branco, na proporção que foram narrados enquanto um “incômodo” e, ao mesmo tempo, como um agravo a todo o aparato de prosperidade dos regimentos de controle e ordem da cidade.

**3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

 As narrativas de jornais analisadas possibilitaram compreensões acerca das narrativas que imperaram sobre a Amazônia a partir dos anos 40, mais especificamente aos anos 70, quando as propagandas de empreendimentos com o objetivo de atrair investidores empreenderam a região como um atrativo potencialmente lucrativo aos investidores que entrassem na “onda” e na “moda” de investimentos, conforme retratou a narrativa da matéria de jornal apresentada.

 Para além das exposições de uma Amazônia disponível para ser “vendida” e usurpada pelos grupos de investidores, as narrativas dos jornais possibilitaram entrever os sujeitos que se reinventavam nesses espaços, criando redes de sociabilidades, sobrevivendo e reexistindo às diferentes estruturas econômicas e políticas. As relações desses sujeitos com o lugar, ainda que perpassados por estruturas de dominação e repressão, não devem ser restringidas às condições de coerção, visto que eles se manifestaram a partir das condições e possibilidades de se estabeleceram e agenciarem espaços de autonomia, interferindo no ambiente que habitavam, mesmo que considerados “às margens” da formação da cidade que se projetava mediante uma construção cronológica para o “progresso” e “modernização”.

 Ao enveredar por essas matérias de jornais é possível compreender a conjuntura da cidade de Rio Branco, e, sobretudo do Acre, como parte dessa Amazônia nos períodos atuais, estabelecendo reflexões que identificam as problemáticas que atravessam o cotidiano da população da capital do Acre, incluindo, as questões de ordem sociocultural, sanitárias, estruturais e materiais de sua população.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE, Gerson. Amazonialismo. In: ALBUQUERQUE, Gerson; PACHECO, Agenor Sarraf**. Uwa’kürü Dicionário Analítico**. Rio Branco – Acre, Editora Nepan, 2016.

APROVEITE as ofertas da Amazônia para a temporada de incentivos. **O Rio Branco.** Rio Branco, ano 1977, p. 07, 20 jan 2017.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** ⎯ entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as coisas:** Uma arqueologia das ciências humanas. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 8ª. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

QUEIROZ, César Augusto B. **Histórias impressas e periodismo na região Norte (1930-1988).** Manaus: Editora Valer, 2022.

MARTINS, Ana Luiza; REGINA DE LUCA, Tania. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: contexto, 2018.

PALHEIRAL vai ter rua para melhorar acesso. **O Rio Branco.** Rio Branco, ano 1978, p. 07.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** - Tomo I. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

ROCHA, Airton Chaves da. **A reinvenção e representação do seringueiro na cidade de Rio Branco – Acre (1971-1996).** 2006. 245 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2006.

1. Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Amazonas, Mestra em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (Ufac), bacharela e licenciada em História (Ufac). E-mail: emillynayras@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestra em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (Ufac), Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Espanhola pela Universidade Cândido Mendes, graduada em Letras Espanhol pela Universidade Federal do Acre. É docente do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Acre. E-mail: daniele.almeida@ifac.edu.br [↑](#footnote-ref-2)